



DISTOPIA E EDUCAÇÃO: o arcabouço pedagógico em Immanuel Kant na superação de realidades distópicas

Merielle do Espírito Santo Brandão

UFS

meriellebrandao@gmail.com

Carlos Humberto de Albuquerque Spinelli

ICS-UFAL

carlos.spinelli@ics.ufal.br

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse objeto de estudo é pensar a educação a partir do ideário pedagógico de Immanuel Kant, bem como as distopias ficcionais e as realidades distópicas factuais que dialogam entre si no contemporâneo. As obras analisadas, como “*As viagens de Gulliver*”, de Jonathan Swift (2004); e “*1984*”, de George Orwell (2009), entre outras, acabam por desembocar em fatos, sejam eles residentes na esfera do real ou em um contexto de previsibilidade futura e distópicas.

A literatura de distopia, bem como modelos de regimes e *establishment* distópicos presentes de modo avassalador principalmente a partir do século XX e que perduram até os dias atuais tem em comum o fato de que para se consolidarem produzem um projeto de educação que assevere a prática e perpasse o discurso dessa realidade aterradora. A saber, a educação se torna um projeto de preservação de distopias em direção contrária a crítica e suplantação que deveriam ser impregnadas. Por conseguinte, o ideário pedagógico kantiano se viabiliza no poder da educação e da disciplina não como obediência às regras (comumente usada como padrão comportamental em distopias). Antes sim, como forma de polimento educativo e prática pedagógica direcionando o sujeito ao alcance de sua maioria intelectual e, portanto, emancipatória. Assim, pensar às distopias e realidades distópicas sob a luz do livro *Sobre a Pedagogia* de Immanuel Kant (1999) é, de modo esclarecedor, pensar uma educação baseada em uma autonomia pelo viés da racionalização moral da disciplina que vai muito além de simples obediência às regras.



Para entendermos realidades “distópicas”, distopias, educação e distopias, faz-se condição *sine qua non* entendermos a origem do termo objeto central de estudo neste artigo. Etimologicamente, “distopia” e “utopia” provêm da palavra grega “τόπος” e a mesma se refere a “lugar”. De “τόπος” (lugar) surge a junção com a partícula negativa “u” a partir do filósofo e estadista-renascentista Thomas Morus (1478-1535) – que em 1516 escreve seu livro intitulado *Libellus vere aureus, nec minus salutaris quam festivus, de optimo rei publicae statu deque nova insula Utopia*, ou, simplesmente, *Utopia*. Assim, a palavra passa a significar em sentido literal-semântico um “não-lugar”, ou, um “lugar-nenhum”.

No entanto, é em 1868 que pensando uma inversão de valores utópicos de Thomas Morus, mediante uma realidade de Revolução Industrial, que o filósofo e economista John Stuart Mill (1806-1873), em um discurso para o Parlamento Britânico, cita a palavra “Dystopia”. Deste modo se estabelece à palavra “distopia” para designar um lugar em condição nefasta ou situação de infelicidade (“lugar-ruim”, ou, “lugar-infeliz”) – contrapondo-se a “utopia”.

Apesar do estabelecimento da palavra ser um reconhecimento dado a Stuart Mill, na literatura europeia um clássico inglês quase cem anos antes já delimitava como modelo de gênero literário as auroras do que se entende como distopia. O escritor anglo-irlandês Jonathan Swift (1667-1745) escreve um dos mais fabulosos romances distópicos/satíricos da literatura mundial: *Gulliver's Travels*¹ (2002). Apesar de satírico, o livro *As viagens de Gulliver* não corresponde apenas a suposições sobre lugares irreais. Pelo contrário, no trato com a percepção de uma sociedade burguesa em ascensão, Jonathan Swift acaba por prescrever realidades presentes e futuras.

Em “1984” de George Orwell (2005), uma sociedade controlada pelo ditador abstrato das “teletelas”, “O Grande Irmão” (aquele que zela por ti) temos o personagem principal, Winston, que é funcionário do “Departamento de

¹ As viagens de Gulliver. A história narra as viagens do marinheiro Gulliver por quatro países, onde mostram sociedades inteiras em processo de decadência da existência humana e envoltos em “fenômenos de alienação” - termo é usado por Theodor Adorno na coletânea de textos conferencistas (1959 a 1969) que formam o livro *Educação e Emancipação*. Adorno refere-se aos danos do comportamento de massa ou “fenômenos de alienação” que para o autor têm uma “estrutura social” - que afetam a capacidade psicológica de percepção, logo, de reação do sujeito mediante realidades aterradoras. Para além, comportamentos de rebanho, negação da realidade e inversão de valores que beiram o caos também estão presentes junto à barbárie e à degradação social claramente visíveis nas descrições do personagem.



Documentação do Ministério da Verdade.” Agente do sistema, esse personagem é um falsificador de registros históricos que vive um perene estado de opressão mental e física. Apesar de comumente questionar-se sobre o sistema e inclusive buscar um levante contra o mesmo, Winston, em primeira tentativa, tem como punição um processo de reeducação no arquétipo do Grande Irmão, terminando sua história no livro completamente adaptado aquela realidade aterradora.

No outono de 2017, o jornal brasileiro “Gazeta do Povo” publicou uma reportagem de opinião da jornalista e escritora Gisele Eberspächer, com o título: “*Trump, Le Pen, Big Brother... O futuro previsto pelas distopias finalmente chegou?*”². Nesta opinião, Eberspächer nos lembra que o cenário de incertezas políticas demarca um mundo em que a instabilidade e ansiedade com o futuro parecem já nos acometer de uma realidade distópica – enquanto americanos, franceses e demais povos assistem atônitos aos discursos dessa modalidade.

Assim, é dentro do que se define como literatura de distopia que o contemporâneo abre um leque de produção de ficção científica que se define muito mais como previsões futurística do que como um simples gênero da escrita. É desta forma que as realidades distópicas acontecem no contemporâneo e a produção dessa literatura acaba servindo como uma criação não mais ficcional, porém como um alerta para o futuro.

Em *Sobre a Pedagogia*, Kant irá focar na educação/instrução/disciplina necessárias ao homem, que, segundo ele, “é uma criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância, a disciplina e a instrução com a formação. Consequentemente o homem é infante, educando e discípulo.” (Kant, 1996, p.11). Assim, para Kant, há uma necessidade fundamental da espécie humana no caminho da educação disciplinar para sua formação, uma vez que propenso a atitudes infantis e a ser discípulo, o mesmo tem inclinações não só a subserviência, como a atos atrozos e retorno a animalização.

Por conseguinte, além da superação do homem subserviente, a pedagogia kantiana prevê que por meio da educação disciplinar é possível suplantar o homem

² Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/trump-le-pen-big-brother-o-futuro-previsto-pelas-distopias-finalmente-chegou-04o6q9izbi6fepz9ondzamr6u/>> . Acesso 20 setembro de 2024.



de seu estado de barbárie (animalidade) para um homem polidamente humanizado, como dito:

[...] A disciplina transforma a animalidade em humanidade. [...] A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem a humanidade. Uma geração educa a outra. Pode-se buscar o começo da humanidade num estado bruto ou num estado perfeito de civilização. Mas, neste último caso, é necessário admitir que o homem tenha caído depois no estado selvagem e no estado de natureza rude. A disciplina é o que impede o homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais. (Kant, 1996, p. 12)

2 OBJETIVOS

A proposta desse trabalho é refletir a educação a partir do ideário pedagógico de Immanuel Kant, bem como as distopias ficcionais e as realidades distópicas factuais que dialogam entre si no contemporâneo. Para isso, foram analisadas duas obras: “*As viagens de Gulliver*”, de Jonathan Swift (2004) e “*1984*”, de George Orwell (2009, que acabam por desembocar em fatos, sejam eles residentes na esfera do real ou em um contexto de previsibilidade futura e distópicas.

3 METODOLOGIA

O aparato metodológico utilizado para o desenvolvimento do trabalho será o de pesquisa de cunho qualitativo (Luna, 2000; Minayo, 2001), amparando-se nas definições sobre distopia (Mill, 1868; Fukuyama, 2003) e as perspectivas teóricas e pedagógicas sobre educação trabalhadas por Immanuel Kant (1996, 2005).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na distopia “*As viagens de Gulliver*”, Swift aborda questões referentes à disciplina na escola em uma das ilhas que aporta (Lilipute). Nela, a disciplina é usada claramente como ferramenta de submissão modelando uma sociedade claramente burguesa, já que ela “inclui ainda que sejam muito fiéis, muito submissos, muito dedicados ao príncipe, mas de uma dedicação geral e de dever não particular, que fere muitas vezes a consciência e sempre a liberdade, e que expõe a grandes



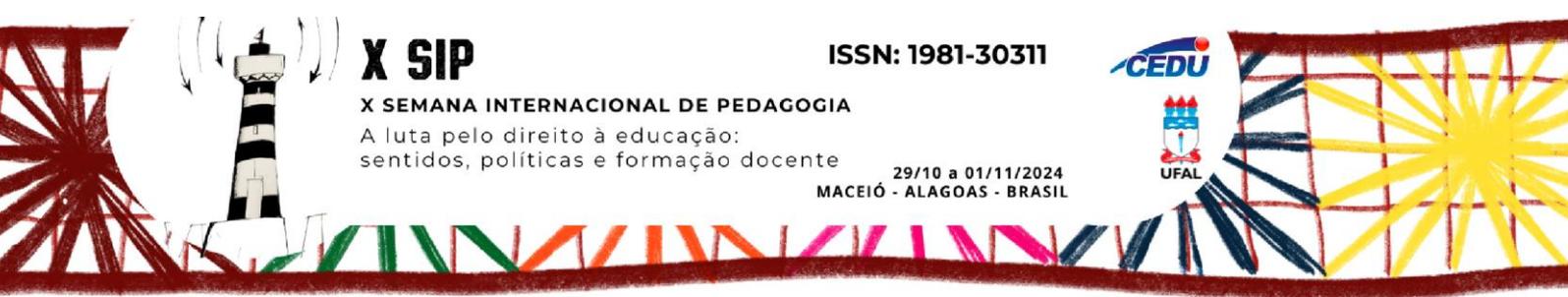
fatalidades.” (Swift, 2002, p.60). Dada a importância da disciplina como mediadora para a instrução e libertária, mas também sendo usada na formação do sujeito serviente, Kant pensa uma pedagogia que prevê uma educação que transcende e se realiza *disciplinar, culta e prudente*. Assim sendo, a disciplina é recorrida não em sentido de vassalagem, mas com perfil esclarecedor e libertário, logo, racional.

Em modelos distópicos comumente observamos os interesses nas “experiências da educação” citadas por Kant apenas na reprodução de sujeitos apáticos e incapazes de rebeldias contra o sistema. Ou, em outros casos, fictícios ou factuais, essas “experiências de educação” servem apenas para perpetuar as distopias totalitárias criando um protótipo próprio de educação. Encontramos na figura de Winston Smith, personagem de “1984”, de George Orwell, um exemplo da aplicabilidade da “educação dos grandes” criticada por Kant. A disciplina nos casos citados serve ao sistema ditatorial como potência de condicionamento mental e subserviência. Delegar a possibilidade da educação aos poderosos seria trilhar um caminho da alienação e da animalidade. Prezar pela educação em sentido pleno é assegurar as etapas essenciais da mesma, que na pedagogia kantiana é: disciplina, cultura e prudência:

na educação, o homem deve, portanto: 1. Ser *disciplinado*. Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria. 2. Tornar-se *culto*. A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é criação de uma habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos. [...] A educação deve também cuidar para que o homem se torne *prudente*, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência. A essa espécie de cultura pertence aquela chamada propriamente de *civilidade*.” (Ibidem, 1996, p. 26)

A disciplina aparece como dispositivo de polidez dos instintos buscando a retacivilidade. É claro observar que o filósofo iluminista não pensa apenas a disciplina como superação da barbárie humana, ela é chave fundamental, todavia os elementos que facilitam ou impedem a educação também são imprescindíveis no processo

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Buscar uma reflexão pedagógica e de caráter autônomo da educação se faz condição inexorável no contexto histórico do contemporâneo. As grandes distopias ficcionais se encontram em um ambiente de viabilização de modo como nunca antes se percebera. A produção de literatura distópica, de modo acentuado a partir do século XX, não apenas se oficializa no gênero da escrita como se inscreve de forma assertiva e previsível do futuro – vide os acontecimentos aterrorizantes do contemporâneo e os modelos sociopolíticos totalitários. Há, antes sim, uma emergência vital de práticas pedagógicas que estabeleçam uma condição humana crítica, auto-avaliativa, independente a qual galgue consciências coletivas não no sentido de obediência às regras, mas na direção da percepção e da racionalidade autônoma.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**, trad, W. Leo Maar, SP: ED. Paz e Terra, 1995.

EBERSPÄCHER, Gisele. **Trump, Le Pen, Big Brother... O futuro previsto pelas distopias finalmente chegou?** Gazeta do Povo, 18 jun. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/trump-le-pen-big-brother-o-futuro-previsto-pelas-distopias-finalmente-chegou-04o6q9izbi6fepz9ondzamr6u>. Acesso em 15 setembro de 2024.

FUKUYAMA, Francis. *Nosso futuro Pós-humano*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta:** o que é o esclarecimento? In: Kant - Textos seletos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Fontanella. Piracicaba: Ed. Unimep, 1996.

LUNA, S. V. **O falso conflito entre tendências metodológicas**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ORWELL, George. **1984**. 29ª ed. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 2005.

SWIFT, J. **As viagens de Gulliver**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.